

# ASPETOS FORMAIS, TÉCNICOS E CULTURAIS DO UNIVERSO CERÂMICO DA SANTARÉM MEDIEVAL. UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Marco Liberato / IEM-UNL/FCSH / marcoliberato@hotmail.com

Helena Santos / lenamps@hotmail.com

## RESUMO

A partir da análise integrada de várias dezenas de amostras artefactuais, cujos processos de deposição sugerem uma elevada homogeneidade cronológica dos materiais recolhidos, recuperadas durante uma intervenção arqueológica nos n.ºs 2 a 8 da Avenida 5 de Outubro, em Santarém, pretende-se esboçar uma apresentação preliminar dos aspectos crono-tipológicos e culturais da cerâmica que circulou nesta cidade entre os séculos XI e XIV. Tenta-se assim demonstrar que, mau grado a existência de algumas dissonâncias ao nível local, se denota uma evidente unidade cultural na região do Baixo Tejo, em que os caracteres mediterrânicos permaneceram amplamente dominantes mesmo após a sua integração no reino portugalense.

## ABSTRACT

The authors pretend to describe and analyze comparatively – using several artifactual samples recovered during an archaeological intervention in Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8, in Santarém, whose deposition processes suggest a high chronological homogeneity of the materials – the chrono-typological and cultural aspects of the pottery that circulated in this city between the 11<sup>th</sup> and 14<sup>th</sup> centuries.

The main goal of this methodological process is to demonstrate that, despite the existence of some local differences, we can individualize a distinct cultural unit in the *Baixo Tejo* region, in which the mediterranean characters remained largely dominant even after the integration of this area in the christian political dominium.

## O PERÍODO ISLÂMICO – SÉCULOS XI-XII

À semelhança do que ocorre para outras cidades do território actualmente português, a amostra artefactual disponível não permite analisar a cultura material medieval nos momentos anteriores ao Califado. Neste texto em concreto, foram considerados cinco contextos islâmicos, correspondendo a um total de nove unidades estratigráficas<sup>1</sup>, cujo

1. As limitações de páginas não permitem apresentar todos os materiais estudados numa escala consonante com uma análise rigorosa dos seus aspectos formais. No entanto, os mesmos encontram-se representados nos anexos da tese de mestrado de um dos redactores (LIBERATO, 2012), que podem ser descarregados no repositório da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6023>.

momento de deposição terá ocorrido num período já tardio, mais concretamente entre o século XI e a conquista cristã de 1147. Correspondem, na sua totalidade, a sedimentos recolhidos no interior de estruturas negativas, comumente interpretadas como silos. Assinale-se que as publicações sobre materiais destas cronologias provenientes da cidade são exponencialmente superiores em comparação com os períodos subsequentes, alargando o *corpus* de informação aproveitável para esta análise.

Sinteticamente, destaca-se desde logo que o universo cerâmico destas cronologias se caracteriza por uma grande diversidade formal a que escapam apenas as panelas, o que aliás não espanta: sendo o recipiente mais comum, com uma longa tradição de utilização, a sua morfologia seria mais estanque a inovações e à integração de novas variantes desen-

volvidas localmente ou a partir de influências externas, uma vez que a sua imutabilidade – ou “mutabilidade de baixa intensidade” – se relacionaria com a eficácia demonstrada ao longo de gerações nas actividades culinárias em que eram empregadas. Mas essa multiplicidade morfológica não colide com outro aspecto: o reportório cerâmico em circulação na Santarém taifa/almorávida estaria muito padronizado, o que revela uma elevada especialização na sua produção, demonstrando uma divisão do trabalho típica de uma sociedade altamente urbanizada. É certo que existem muitas variantes, especialmente no que toca às tigelas, escudelas e jarros\jarras, mas praticamente todas as cambiantes formais de produção local que observamos tinham já sido identificadas noutros pontos da cidade (Viegas e Arruda, 1999.) (Almeida, 2003) (Amado e Mata, 2004) (Arruda, Viegas e Almeida, 2002).

Nestas cronologias, os dados disponíveis – quer os utilizados neste estudo quer os que se encontram publicados – demonstram que os paralelos morfológicos mais evidentes correspondem a produções de urbes estruturadas em torno da bacia do Tejo, esboçando uma imagem de forte unidade cultural, que sai reforçada pela utilização das mesmas soluções decorativas, nomeadamente no que diz respeito aos motivos da pintura a branco, a técnica mais frequentemente utilizada (Liberato, 2011, p. 49). No entanto, observam-se também coincidências formais e decorativas com a cultura material de povoações da costa algarvia e as áreas de contactos parecem estender-se à Meseta, bem como às urbes plenamente mediterrânicas da Andaluzia e Múrcia, em especial no que toca às cerâmicas presumivelmente importadas, como cordas secas e pintadas a vermelho sobre pastas claras. Um exemplo paradigmático é a peça [1107] – 8209 que morfológicamente se assemelha bastante aos grandes jarros de colo alto com bordo em aba, decorados com corda seca total, que surgem em Almeria (Flores, Monuz e Lirola, 1999, p. 4) ou em Jaén, onde estão datados do século XII (Déléry, 2006, p. 1432).

Em síntese, os paralelismos identificados parecem demonstrar que a cerâmica de Santarém se filia numa unidade geográfica-cultural de clara matriz mediterrânica\islâmica, que se havia sobreposto total e definitivamente às tradições oleiras anteriores. À semelhança do observado para a antiga *kora de Tudmir* logo no século X, estaremos «ya ante una sociedad plenamente islamizada con independencia de su

origen.» (Gutiérrez, 1996, p. 160). Precisamos de mais estudos sistemáticos sobre as produções locais de forma a estabelecer rigorosamente a diacronia deste processo, mas um desfazamento temporal face à bacia mediterrânica é concebível à partida, condizente com o seu posicionamento na periferia geográfica e política da rede urbana do *Garb al-Andaluz* (Fernandes, 2002, p. 48), que de resto se materializa num certo arcaísmo das produções evidenciado por outros autores, verificando-se a circulação de alguns tipos que se vão sucedendo temporalmente sem alterações formais assinaláveis (Gómez, 2005, p. 216). O que não invalida que Santarém represente o limite setentrional da islamização total da cultura artefactual. Mesmo na área do Mondego, cuja bacia facilitaria a integração comercial e cultural com o mundo mediterrânico, aparentemente este processo não se completou. Por exemplo em Conímbriga, onde as funções urbanas asseguradas durante o período clássico e alto-medieval se encontrariam fortemente decadentes, parece predominar, entre os séculos X-XI, uma tradição oleira onde as influências islâmicas praticamente não se fazem sentir (Man, 2006, p.157). Mesmo na *medina* de Coimbra, os contextos que se formaram num momento imediatamente anterior à integração definitiva no reino de Castela e Leão demonstram a presença de cerâmicas de “luxo” islâmicas coexistindo com soluções oleiras locais (Catarino, Filipe e Santos, 2009, p. 347), que não recorriam à «tecnologia mas exigente y [a] una maior especializacion y complejidad de la estructura de produccion» (Gómez, 2005, p. 216) que caracterizavam as cerâmicas meridionais.

#### TRANSIÇÃO DE PODERES E OSMOSES CULTURAIS. PRODUÇÃO E CONSUMO DE CERÂMICA ENTRE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XII E A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII

Os dados recolhidos permitem perspectivar uma imagem de forte continuidade com as soluções islâmicas durante a centúria subsequente à integração da cidade no domínio político cristão. Destaque-se, pela possibilidade de observação da manutenção das técnicas de produção, a identificação de quatro fornos como a estrutura [1579], que permite estabelecer, sem reservas, que a produção de cerâmica pintada a branco continuou muito para além da conquista cristã, uma vez que as correlações estratigrá-

ficas demonstram que iniciou a sua laboração já no século XIII.

Morfológicamente, também não se verificam grandes alterações quando se analisam os materiais recuperados no depósito [1030] e que correspondem, sem dúvida, às produções deste forno, uma vez que os 25 fragmentos recuperados apresentam sinais evidentes de terem estalado durante a cozedura. De entre eles destacam-se as grandes asas pintadas a branco com depressão central, que correspondem a cântaros amplamente documentados nas escavações da Alcáçova (Viegas, Arruda, 1999, p. 161). O mesmo elemento, bem como um bordo, permitem reconhecer que as típicas jarras islâmicas continuaram a ser produzidas nesta estrutura.

Foram considerados mais três contextos em que a presença de moedas demonstra que a sua formação ocorreu num período posterior à conquista da cidade. Num dos casos, observa-se mesmo uma clara divergência entre esta integração cronológica e a que seria proposta se recorrêssemos exclusivamente às importações como elemento de datação, pelo que alguns dos dados aqui apresentados devem ser encarados com extrema precaução. De facto, não abundam publicações que apresentem materiais deste período de transição, sendo mesmo inexistentes para a cidade de Santarém, o que compromete uma abordagem comparativa que apoie as considerações expostas.

O conjunto artefactual recolhido na estrutura negativa [1631], um eventual silo colmatado com o depósito [1598], parece demonstrar a circulação generalizada de materiais claramente islâmicos – classificação que neste contexto remete para um universo cultural e não para uma periodização cronológica – cerca de um século depois da conquista da cidade, estando, neste caso específico, associados a moedas cunhadas entre 1211 e 1245. Destacam-se dois fragmentos decorados com a técnica de corda seca total, sendo que a decoração em rosácea patente na escudela com pé anelar que apresentamos ([1598]-11663) é um motivo documentado frequentemente – surgindo, por exemplo, em Maiorca – e enquadrado entre a segunda metade do século XI e a primeira metade do século XII, enquanto os exemplares recolhidos em Almeria, Ceuta, Málaga ou Mértola são compatíveis com a peça de Santarém, na medida em que foram enquadrados cronologicamente entre 1200 e 1250 (Déléry, 2006, pp. 1215, 1333, 1534 e 1569). O mesmo motivo surge também noutras peças pro-

venientes de Santarém, decoradas com técnica idêntica e recuperadas num contexto bastante afectado por perturbações estratigráficas posteriores, mas que parece estar relacionado com uma olaria, podendo corresponder à base de um forno ou de uma fossa de descarte<sup>2</sup>, o que tem mesmo feito levantar a hipótese de uma produção autóctone deste tipo de cerâmica (Déléry, 2006, p. 1804) e que poderia justificar a sua continuidade no registo arqueológico para além da captura da cidade por D. Afonso Henriques, que certamente condicionou no imediato a circulação de produções com origem meridional. Surge ainda um fragmento com pintura a vermelho ([1598]-11662), opção decorativa que parece desaparecer, em Lisboa, nos contextos formados entre a segunda metade do século XII e primeira metade da centúria seguinte (Gomes, et. al., 2005, p. 225). Já o bordo em aba da panela [1598]-11654 corresponde, de facto, a perfis de panelas muito comuns durante os séculos XII-XIII, um elemento mais convergente com a presença dos dinheiros da I dinastia nesta unidade estratigráfica. Só o surgimento de novos estudos ou contextos poderão demonstrar se as cerâmicas de corda seca ou pintadas a vermelho eram, de facto, ainda comuns durante o século XIII, ou se a formação deste conjunto foi absolutamente circunstancial, decorrente de um processo muito específico que não pudemos descortinar. De facto, a generalidade das peças encontra-se muito fragmentada, o que poderia denunciar que estamos perante uma deposição “terciária”, com um hiato temporal razoável entre a sua utilização, um primeiro momento de descarte das peças e o seu transporte definitivo para o interior da estrutura negativa, já misturadas com materiais cronologicamente mais recentes. No entanto, a homogeneidade “cultural” dos fragmentos cerâmicos não parece reforçar esta hipótese.

Menos dúvidas nos oferece a associação material recolhida no interior da estrutura [2466], um silo colmatado com um único depósito, o sedimento [91]. Foram recolhidos alguns perfis bastante completos, o que permite vislumbrar de forma mais documentada uma amostra da cultura material presente na transição do século XII para o XIII, uma vez que se encontra datada pela presença de 6 dinheiros da

2. Identificada durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da Rua João Afonso / Rua 1<sup>ª</sup> Dezembro, coordenados por Helena Santos.

primeira dinastia que demonstram que este depósito se formou já no século XIII (Liberato, 2011, p.68). Sem este elemento de datação contextual, a escudela carenada [91]-1986, bem como a candeia de depósito aberto [91]-1988, apontariam para uma cronologia em torno do século XII, mas verosimilmente anterior à conquista cristã. Completando o quadro de formas muito correntes em contextos muçulmanos, assinala-se a presença de jarras com colo alto, que poderiam induzir no mesmo sentido.

No entanto, assinala-se desde já que os exemplares recolhidos desta forma apresentam diferenças de pormenor face às congéneres undecentistas, nomeadamente na curvatura do colo, e surgem novas soluções como a representada pela peça [91]-1981. De facto, embora seja cedo para firmar certezas, parece existir na cerâmica escalabitana, ao longo do século XIII e da centúria seguinte, uma tendência para o aumento de alterações plásticas, como estrias, caneluras ou incisões, face ao período anterior, característica partilhada com as cerâmicas lisboetas coevas (Gomes, 2005, p. 226). Também em Palmela, o estriamento é considerado a opção ornamental mais comum no século XIII (Fernandes, 2004, p. 151).

Enquadramos ainda neste âmbito cultural o enchimento do silo [2172], composto pelas unidades [2171] e [2144], que ofereceram sete moedas. Mais uma vez encontramos neste contexto materiais que constituem elementos de evidente continuidade com a tradição oleira pré-1147, como as cerâmicas vidradas com traços de manganês e a pintura a branco, coexistindo com a presença de painéis com bordo quadrangular – possivelmente uma evolução, por espessamento do lábio, do perfil em aba que se vulgariza no século XII, com eventual origem em protótipos almóadas – ou com a tendência para as tigelas apresentarem espessamentos e/ou molduras nos lábios, caracteres mais comumente divulgados em épocas mais tardias, o que nos impele a propor uma cronologia mais avançada para a formação deste contexto, talvez mesmo já durante a segunda metade do século XIII.

A par destes conjuntos que poderíamos classificar globalmente como “epi-islâmicos”, assinalam-se episódicos elementos claramente excêntricos à estrutura produtiva que enquadrava o fabrico cerâmico nesta cidade entre os séculos XI e XII e, em última análise, ao universo técnico e cultural meridional: painéis com asas puncionadas, alguidares de fundo em disco e o jarro brunido com cozedura

reduzida [2244] – 15043, que apresentam paralelos evidentes com produções nortenhas.

Assinala-se que este tipo de cerâmicas estão totalmente ausentes dos conjuntos islâmicos recuperados no Convento de S. Francisco, em Santarém (Lopes e Ramalho, 2001)<sup>3</sup>, na Alcáçova (Viegas e Arruda, 1999), na Rua Miguel Bombarda (Almeida, 2003), bem como nos contextos indubitavelmente depositados num momento anterior à conquista cristã que estudámos, não sendo provável portanto que correspondam a resquícios de uma tradição oleira pré-islâmica. Por outro lado, os seus aspectos formais ou perfis claramente derivados desses protótipos não se terão enraizado na tradição oleira local, a julgar pela sua ausência nos conjuntos materiais dos finais do século XIII e XIV, cujas morfologias remetem, na sua esmagadora maioria, para antecedentes claramente “mediterrânicos”. Verifica-se assim que após a conquista da cidade coexistiram duas tradições cerâmicas completamente divergentes e que certamente correspondem a dois grupos populacionais distintos: indivíduos culturalmente islamizados, independentemente do credo religioso e populações cristãs alógenas. Naturalmente que a investigação carece de mais dados, nomeadamente da publicação de outros conjuntos cerâmicos, para que se possa verificar da importância relativa destas “contaminações” setentrionais, determinando se foram sempre percentualmente residuais e se a sua circulação se restringiu aos séculos XII e XIII, como nos sugerem os contextos que estudámos.

Este quadro sucinto, quando comparado com Lisboa apresenta evidentes pontos de contacto, como sejam a manutenção de morfologias islâmicas, a aparente continuidade de contactos culturais com áreas sob domínio almóada demonstrada pela integração de caracteres formais mais frequentes neste horizonte crono-cultural e a sobrevivência de técnicas decorativas como as pinturas a branco e a vermelho. A única divergência será eventualmente o âmbito cronológico da utilização de caracteres culturais com uma

3. Nesta afirmação não ignoramos uma panela islâmica recolhida nesta escavação e datada entre os séculos X e XI, que surge representada com alterações plásticas na asa, que no entanto não corresponderão a puncionamentos profundos, uma vez que foram obtidos «por meio de incisões». De resto, a coloração da pasta, entre o branco e o laranja (LOPES e RAMALHO, 2001, p. 55), afastam-na definitivamente das características técnicas das cerâmicas que agora apresentamos.

origem indiscutivelmente islâmica, como a pintura, que parece prolongar-se mais em Santarém.

#### SANTARÉM ENTRE O ATLÂNTICO E O MEDITERRÂNEO. FINAIS DO SÉCULO XIII – SÉCULO XIV.

Infelizmente não foram identificados muitos contextos trecentistas. Assim, o hipotético silo [828] foi aterrado com o sedimento [829], enquanto no interior de uma estrutura semelhante, que recebeu a designação de [396], foram escavadas 4 unidades estratigráficas registadas como [388], [395], [397] e [407]. Os elementos mais seguros para atribuir uma datação aproximada do momento da deposição destes sedimentos correspondem aos materiais cerâmicos provenientes da escavação da Rua dos Correeiros em Lisboa, que decorreu na década de 80 do século passado. De facto, atesta-se que as características formais das panelas, cântaros, jarros/jarras, púcaros, tigelas e escudelas provenientes desta escavação arqueológica apresentam absolutas semelhanças com as cerâmicas escalabitanas dos contextos [828] e [396]. Na “capital” do reino, estavam associadas a importações provenientes da área de Santoinge, centro oleiro francês cujos típicos pichéis com decoração policromática aportavam a povoações de toda a fachada atlântica, sendo exemplos as cidades inglesas, onde ocorrem frequentemente em contextos datados entre 1280 e 1310 (Gaspar e Amaro, 1997, p. 339), sendo que estudos mais recentes apontam o primeiro quartel do século XIV como o *terminus* da sua exportação massiva para as ilhas britânicas (Haggart, 2006, p. 28).

O período entre os finais do século XIII e inícios da centúria seguinte é de facto crucial para o estabelecimento de rotas comerciais que integraram as costas atlântica e mediterrânica. A partir de 1278, Génova inicia ligações anuais com o Mar do Norte, o que demonstra que a transposição do estreito de Gibraltar era novamente segura para as embarcações dos reinos e cidades-estado da cristandade (Fonseca, 1980, p. 128), facto que evidentemente dinamizou o transporte de mercadorias com origens diversas, revelado também no registo arqueológico.

Em Portugal, a distribuição de produções oriundas da Europa Central alarga-se a cada nova escavação demonstrando, em última análise, como o Oceano era sulcado cada vez mais frequentemente. Naturalmente, por uma questão de posição geográfica,

estas produções parecem ser mais frequentes nas cidades costeiras do Norte do País e no seu *hinterland*, mas abasteciam também alguns mercados claramente mais periféricos. Contactos comerciais e culturais com a fachada atlântica que se atestam também na Santarém medieval, sem que possamos no entanto asseverar se directos, se por intermédio das ligações a Lisboa – que a julgar pela percentagem crescente de cerâmicas vidradas assinalada a partir de finais do século XIII estará plenamente integrada nos circuitos comerciais atlânticos (Gomes, et. ali, 2005, p. 227) – como nos comprova o fragmento de jarro com losangos incisos sob vidrado verde que faz parte do espólio exumado do depósito [829]. As suas características técnicas, nomeadamente as pastas avermelhadas, a aplicação de engobe branco antecedendo o vidrado, bem como a decoração geométrica, tornam verosímil a sua origem no centro oleiro Paris-Rouen, cujas produções trecentistas já foram identificadas nas cidades portuárias atlânticas de Lisboa (Fernandes, Marques e Torres, 2008, p. 165) e do Porto (Gomes, 2004, p. 91) – certamente também a origem das cerâmicas francesas coevas identificadas em Guimarães (Faure, 2007) – e até em pequenas vilas do interior, como Castelo Novo, onde surgiram associadas a moedas de D. Sancho II a D. Pedro I, (Silvério e Barros, 2005, p. 69), o que concorda com a cronologia proposta.

No conjunto artefactual recuperado no contexto [396] surge um pequeno fragmento cerâmico com origem claramente mediterrânea e que corresponde a um fundo anelar de secção para-circular, coberto com esmalte branco e apresentando traços de reflexo metálico. Este perfil de fundo, associado à técnica decorativa, surge frequentemente em produções *nazaris* trecentistas, com epicentro em Málaga, nomeadamente nos jarros de colo alto e bico vertedor cuja difusão em Portugal começa a desenhar-se, como se pode ver pelos exemplares recuperados em Alcochete (Correia, 2004, p. 651). No entanto, esta forma fazia também parte dos reportórios valencianos (Pascual e Martí, 1986, p. 164) sendo impossível esclarecer definitivamente a sua origem a partir de um fragmento tão reduzido. Como é conhecido, estas produções mudéjares levantinas serão especialmente frequentes nas cidades portuguesas durante o século XV, mas na centúria anterior já aportavam a Lisboa (Fernandes, Marques e Torres, 2008, p. 173) e ao Porto (Gomes, 2004, p. 93). O seu impacto cultural em Santarém foi certamente intenso e dina-



mizou mesmo o surgimento de uma tradição ornamental pintada a branco durante o século XV, que já analisamos noutra local (Liberato, 2011, p. 112).

Apesar da multiplicação de influências e referentes que circulavam na Santarém trecentista, assinala-se que a produção local de cerâmica comum como que “depurou” os reportórios dos períodos antecedentes e concentrou-se em poucas formas já conhecidas, embora se referenciem algumas alterações de pormenor que permitem uma individualização face aos protótipos mais antigos. Esta evolução demonstra *per si* que a matriz mediterrânica não só se manteve como se foi actualizando, em linha com as tendências que se verificavam também no sudeste peninsular, de que são exemplo a afirmação progressiva das bases anelares nas jarras ou dos perfis carenados nas escudelas (Acién, 1995, p. 139). Considerações que se apoiam nos materiais recuperados nesta escavação mas também nas outras publicações que apresentam cerâmicas trecentistas de Santarém (Mendes, Pimenta e Valongo, 2002; Amado e Mata, 2004; Arruda, Viegas e Almeida, 2002) e que, em grande medida, parecem corresponder também à realidade de Lisboa.

Verifica-se assim que a cultura material das principais cidades do Vale do Tejo, é agora absolutamente semelhante, altamente padronizada e pouco diversificada morfológicamente quando comparada com os séculos anteriores. No entanto, a frequência da pintura a branco em Santarém durante o século XIV parece demonstrar, tal como para períodos anteriores, que as tradições islâmicas tiveram uma perduração temporal superior nesta cidade. Se estamos perante um simples traço de conservadorismo ou a demonstração de vitalidade da comunidade muçulmana local, demograficamente e/ou socialmente mais relevante que a sua congénere de Lisboa, surge como uma questão que só poderá ser dirimida com a cumulação de estudos ceramológicos sobre as produções destas duas urbes.

## BIBLIOGRAFIA

- ACIÉN Almansa, Manuel (et.al.) (1995) – Evolución de los tipos cerámicos en el SE de al-Andalus in *Actes du 5<sup>ème</sup> Colloque sur la Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*. Rabat: Institut National des Sciences de l’ Archéologie et du Patrimoine, pp. 125 – 139.
- ALMEIDA, Maria José de (2003) – Resultados da intervenção arqueológica na Rua Miguel Bombarda (Santarém): algumas ideias sobre a ocupação do planalto de Marvila.» in *Actas do IV Encontro de Arqueologia Urbana (Amadora, 10-12 Novembro 2000)*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, pp. 81- 94.
- AMADO, Carlos; MATA, Luís, coord. (2004) - *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578): catálogo da exposição/ Museu Municipal de Santarém*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José de (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia; SANTOS Constança (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos in *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve: O Gharb no al-Andalus: síntese e perspectivas de estudo*. pp. 333-376.
- CORREIA, Miguel (2004) – Três exemplares de cerâmica azul e dourada, provenientes de Alcochete, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, n.º 1, pp. 645-652.
- DÉLÉRY, Claire (2006) – *Dynamiques économiques sociales et culturelles d’al-Andalus à partir d’une étude de la céramique de cuerda seca (seconde moitié du Xesiècle-première moitié du XIII<sup>e</sup> siècle)*. 7 vols, dissertação de doutoramento, Toulouse.
- FAURE, Francisco (2007) – Céramiques Françaises Médiévales à Guimarães Portugal, 4<sup>th</sup> *International Congress of Medieval and Modern Archaeology*. <http://medieval-europe-paris-2007.univ-paris1.fr/C%3%AgramiquesGuimaraes.pdf>[Consult. 11 Nov. 2012].
- FERNANDES, Hermenegildo (2002) – Em torno de Santarém: posição e funções in *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 47-58.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; TORRES, Andreia (2008) – Ocupação baixo-medieval do teatro romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas. *Arqueologia Medieval*, 8, pp. 159-183.
- FLORES Escabosa, Isabel; MOÑUZ Martin, Maria del Mar; LIROLA Delgado, Jorge (1999) – Las producciones de un alfar islamico en Almeria. *Arqueologia y Territorio Medieval*, 6, pp. 207 – 239.
- FONSECA, Luís (1980) – «O Porto nas rotas do Mediterraneo Ocidental (vésperas da época Moderna), *Revista de História da Faculdade de Letras do Porto*, vol.3, pp. 127-139.

GOMES, Paulo Dórdio, et. al. (2004) – *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, 2ª série, 3 (duplo), pp.89-96.

GOMES, Ana; et. al. (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas in *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (séculos VIII a XIII)*, Mário Jorge Barroca; Isabel Fernandes (eds.). Palmela: Câmara Municipal de Palmela / Universidade do Porto, pp. 221-236.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2005) – Cerâmica islâmica entre Tajo y Duero in *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (séculos VIII a XIII)*, Mário Jorge Barroca; Isabel Fernandes (eds.). Palmela: Câmara Municipal de Palmela/ Universidade do Porto, pp. 215-220.

GUTIÉRREZ, Sónia (1996) – *La cora de Tudmir de la Antigüedad Tardia al mundo islâmico. Poblamiento y cultura material*. Madrid: Casa de Velázquez.

HAGGART, George (2006) – *A gazetteer and summary of French pottery in Scotland c.1150-c.1650*. Edinburgh: National Museums of Scotland.

LIBERATO, Marco (2011) – *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*, dissertação de mestrado em Arqueologia, Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

LOPES, Carla do Carmo; RAMALHO, Maria M.B. de Magalhães (2001) – Presença islâmica no convento de S. Francisco de Santarém in *Garb – Sítios islâmicos do sul Peninsular*. Lisboa/IPPAR: Badajoz/Junta de Extremadura, pp. 31-88.

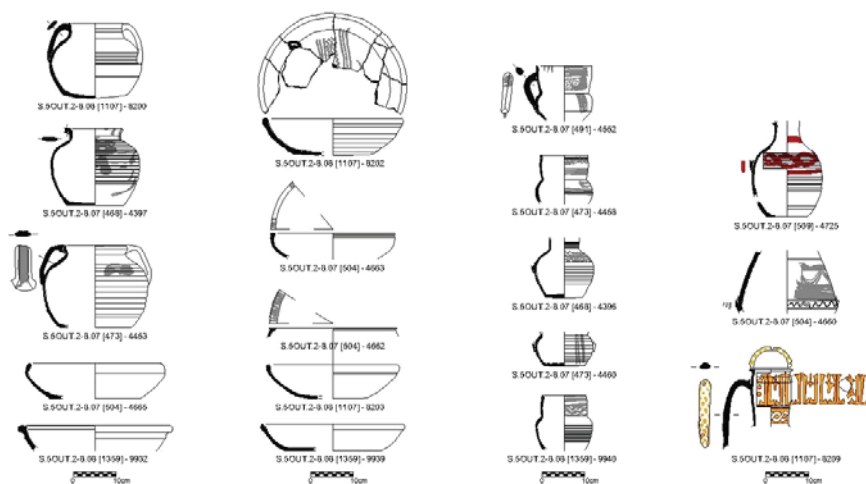
MAN, Adriaan de (2006) – *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Edições Silabo.

MENDES, Henrique; PIMENTA, João; VALONGO, António (2002) – Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 – Centro Histórico de Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5, n.º 1, pp. 259-276.

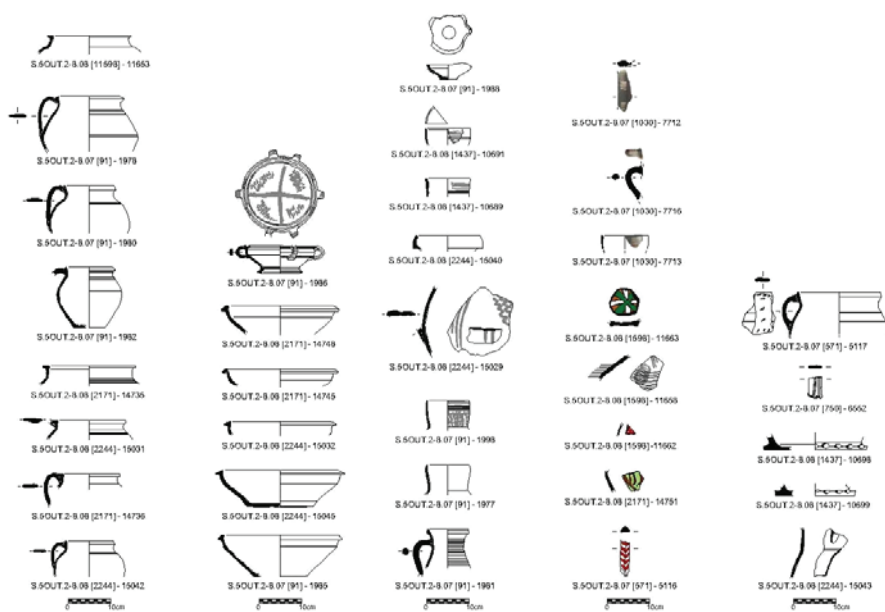
PASCUAL, Josefa; MARTÍ, Javier (1986) – *La cerámica verde-manganeso bajomedieval valenciana*. Valencia: Ajuntament de València.

SILVÉRIO, Silvina; BARROS, Luís (2005) – *Arqueologia no Castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002-2004). Resultados preliminares*. Fundão: Câmara Municipal do Fundão.

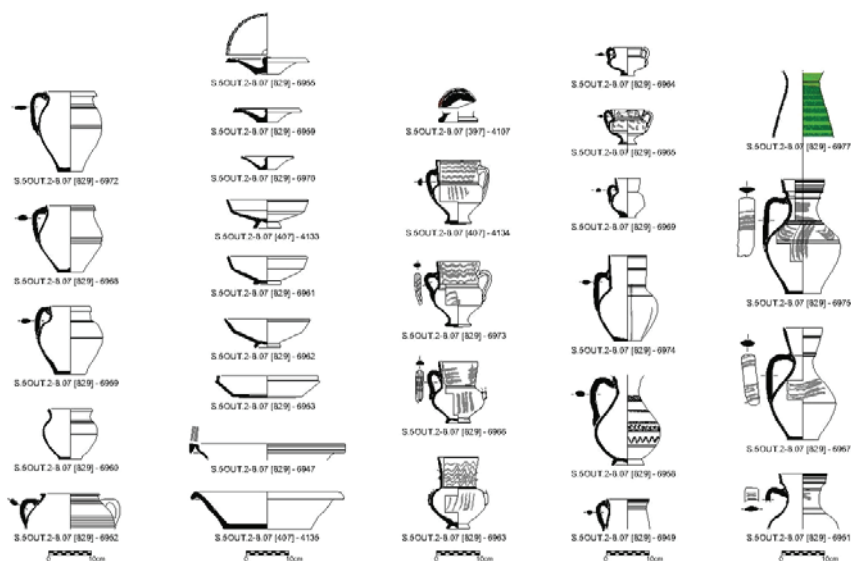
VIEGAS, C.; ARRUDA, A.M. (1999) – «Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2, n.º 2, pp. 105-186.



Período Islâmico. Séculos XI - 1ª metade do século XII



O período de transição. Cerca de 1150 - 1ª metade do século XIII.



A Baixa Idade Média. Finais do século XIII - século XIV.

Figura 1 – Alguns materiais da amostra considerada.